

Smartphones e tablets na produção jornalística

Smartphones and tablets in journalistic production

Fernando Firmino da SILVA¹

Resumo

O ecossistema móvel faz parte dos processos de convergência multiplataforma das organizações jornalísticas. Dentre os dispositivos móveis, *smartphones* e *tablets* são centrais para a produção e o consumo de notícias em mobilidade. Este artigo parte desse enquadramento para discutir e tentar compreender o fenômeno do jornalismo móvel. A partir de referencial teórico sobre mobilidade e convergência acerca do tema e do aporte de objetos empíricos representativos do fenômeno, discutimos as reconfigurações e implicações sociotécnicas e analisamos como os jornalistas estão se apropriando das tecnologias móveis, apps e acessórios para lidar com o processo de apuração, produção e distribuição de conteúdos.

Palavras-chave

Mobilidade; Jornalismo móvel; Convergência; Multiplataformas; Tecnologias móveis.

Abstract

The mobile ecosystem forms part of multiplatform convergence processes at journalistic organizations. Among the wide array of mobile devices, smartphones and tablets are central to journalistic production and the consumption of news while on the move. This article sets off from this framework in order to discuss and try to understand the phenomenon of mobile journalism. We discuss the reconfigurations and socio-technical implications from theoretical frame of reference on mobility and convergence on the theme and input from empirical objects which represent the phenomenon and how journalists are using mobile technologies, apps and accessories to handle the investigation process, production and distribution of content.

Keywords

Mobility; Mobile journalism; Convergence; Multiplatforms; Mobile technologies.

RECEBIDO EM 30 DE JULHO DE 2014
ACEITO EM 09 DE SETEMBRO DE 2014

¹ Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Professor do Departamento de Comunicação Social - Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Mobilidade - MOBJOR e integrante do Projeto do Laboratório em Jornalismo Convergente da UFBA. Contato: fernando.milanni@globo.com.

A vida social contemporânea está demarcada por dispositivos móveis conectados que estabelecem novos laços com o espaço urbano, com os lugares e as condições de mobilidade. Desse escopo, originam-se também os impactos sobre as práticas jornalísticas na combinação híbrida entre convergência e mobilidade de modo a estabelecer uma nova dinâmica nas quatro etapas do jornalismo, ou seja, apuração, produção, circulação e consumo de informações (MACHADO; PALACIOS, 2007). Essas etapas, de algum modo, também balizam, nesse percurso contextual, os critérios de noticiabilidade (SHOEMAKER, 2014) que refletem as tomadas de decisão na confluência da cultura profissional dentro da produção de conteúdos nas organizações jornalísticas.

A nova ambiência, baseada na apropriação de tecnologias móveis digitais no cotidiano das cidades e das práticas (como a jornalística), reestabelece para o século XXI o conceito de mobilidade (URRY, 2007; SANTAELLA, 2007; LEMOS, 2010) como uma questão central para a compreensão da cultura contemporânea e dos aspectos sociotécnicos que permeiam as relações sociais e os modos comunicacionais. Nesse sentido, a mobilidade é definida aqui como o movimento ou o deslocamento físico ou informacional de pessoas, objetos e informações através de tecnologias da mobilidade (extensivas físicas ou virtuais) assumindo diferentes acepções e padrões. O lugar na comunicação (MEDEIROS, 2011) recupera a relação com a mobilidade e os sentidos que se atribuem à localização por meio dos artefatos comunicacionais móveis e merece atenção nos estudos sobre a conjuntura em exploração.

A despeito do cenário teórico, conceitual e contextual que se expõe a partir da compreensão da mobilidade, propõe-se no artigo a análise das dimensões que as tecnologias móveis digitais assumem - com a delimitação mais específica para *smartphones* e *tablets* - na produção jornalística diante das mudanças estruturais que emergem da cultura da convergência e da mobilidade. A questão central que se coloca para problematizar esse objeto em apreciação é: Quais as implicações que as

tecnologias móveis, circunscritas pela mobilidade e pela convergência, trazem para a prática jornalística?

A abordagem, em busca de uma explicação, vai explorar esses limites a partir do conceito de jornalismo móvel² e da proximidade com outros conceitos que por ventura compõem o eixo de compreensão do enquadramento de tal fenômeno com sua natureza multifacetada. O jornalismo móvel (SILVA, 2013; QUINN, 2009) pode ser definido como o uso de tecnologias móveis digitais e tecnologias sem fio para a produção jornalística diretamente dos locais de apuração abrangendo, igualmente, o consumo de informações em condições de mobilidade física ou virtual. As duas perspectivas - produção e consumo - estão diretamente vinculadas aos pressupostos dessa relação entre jornalismo e mobilidade.

Todavia, as redações passam por um processo de reestruturação³ (física, de fluxo de produção, de perfil profissional) e de multiplicação das plataformas de distribuição. As tecnologias móveis têm exercido um papel central nesse campo do processo de redefinições e de tensionamento do conceito de jornalismo móvel e de convergência jornalística.

Neste cenário de ubiquidade, mobilidade e portabilidade dos dispositivos, percebe-se uma intersecção entre mobilidade, jornalismo e a natureza dos lugares de produção: a foto do Instagram com a geolocalização contextual do lugar e os filtros que sobrepõem camadas sobre o real; informações instantâneas de lugares em alta no Foursquare; a comunicação em redes sociais com o compartilhamento de arquivos e de mensagens no WhatsApp, Facebook ou Twitter; câmeras embarcadas nos dispositivos que permitem gravações de vídeo em alta resolução ou a captura de imagens para a rápida circulação pelo Facebook, YouTube ou através de transmissão ao vivo por *streaming* direto dos locais dos acontecimentos.

No jornalismo, os dispositivos móveis - especialmente o *smartphone* e o *tablets* - incorporaram-se à rotina diária de jornalistas (Figura 01), que exploram as possibilidades para a construção de

² Jornalismo móvel tem sido utilizado também com a contração *Mojo* (*mobile journalism*) para especificar a modalidade baseada no uso de tecnologias móveis e conexões sem fio.

³ O processo de reestruturação das redações pode ser visto nesse link sobre *O Globo* <<http://oglobo.globo.com/brasil/novo-site-do-globo-uma-nova-forma-de-produzir-publicar-noticias-12678667#ixzz330BuNCTp>> e nesse outro sobre o *New York Times* <<http://ijnet.org/pt-br/blog/como-o-new-york-times-reformulou-sua-reuniao-de-pauta-para-reportagem-digital>>.

narrativas e para o processo de apuração, edição e distribuição de conteúdos. Além dos dispositivos em si, os aplicativos (apps) consolidam essa processualidade em torno do uso expandido como instrumentos dos jornalistas dos veículos de comunicação ou dos correspondentes de agências de notícias e emissoras de TV (CAVALCANTI, 2014) ou ainda de ativistas em manifestações como no caso do Mídia Ninja em junho de 2013 (BRASIL; FRAZÃO, 2013; ALMEIDA, 2013; RODRIGUES, 2013; BENTES, 2014). Trata-se de uma espécie de kit móvel, que pode ser adaptado de acordo com as necessidades como no caso da cobertura de manifestação quanto também de exemplos como a da experiência da agência Reuters em 2007 como uma das pioneiras do jornalismo móvel no mundo.



Figura 01: Uso de *smartphones* e aplicativos para a produção da notícia.
Fonte: Captura de tela.

A discussão sobre jornalismo móvel exige um olhar sobre os conceitos de lugar e mobilidade numa perspectiva histórica e contemporânea para a compreensão das práticas e apropriações estabelecidas no contexto de articulação dos processos de mudança no jornalismo e suas dimensões processuais. Portanto, o jornalismo móvel tem em tecnologias como *smartphones* e *tablets* parte de sua essência fundamental para a produção e o consumo de notícias em mobilidade trazendo desdobramentos que precisam ser estudados no Campo do Jornalismo.

Na prática, a produção jornalística não está deslocada do lugar, pelo contrário, estabelecem-se novos sentidos através da geolocalização contextual das notícias baseadas no uso de tecnologias móveis digitais e GPS que permitem o mapeamento, a *tag* dos lugares da emissão de modo que visualizemos o estabelecimento da relação entre mobilidade e lugar como uma nova dinâmica que considera o lugar dentro da noção de jornalismo locativo (NYRE; BJORNESTAD; VAAGE, 2012).

Mesmo compreendendo a mobilidade como deslocamento (movimento entre lugares), as formas de produção das mobilidades nesse século XXI permitem a visualização dos rastros, dos contextos, dos deslocamentos através da demarcação dos lugares que as notícias sofrem como influência de sua produção, inclusive em termos de noticiabilidade com um jornalismo hiperlocal. Para Cresswell (2006) a mobilidade é central para o entendimento do que é ser humano na história. Esses fatores corroboram com a defesa de Santaella (2007) de uma cultura da mobilidade ou de Urry (2007) de um paradigma da mobilidade com dimensões de mobilidade física e informacional (LEMOS, 2007). Kellerman (2006) considera que as tecnologias da mobilidade (ou das mobilidades pessoais) são extensões que geram mobilidade física e virtual/informacional como é o caso hoje do fluxo informacional por conexões de redes sem fio através da extensão dos dispositivos móveis que se estruturam na vida social e no jornalismo.

Mobilidades pessoais se constituem em movimentos autoestabelecidos que incluem, primeiro, o automovimento não tecnológico de natureza corporal (físico), conhecido como o andar, e as mobilidades físicas estendidas por tecnologias (dirigir automóveis e guiar bicicletas e motos). Mobilidades pessoais

incluem ainda mobilidades virtuais por meio de telefones móveis e fixos e internet. Mobilidades autoestabelecidas excluem, pela própria natureza que possui, o uso de transporte público e comunicações, onde os movimentos são mediados quando comparados entre automóveis, por um lado, e ônibus e trens, por outro lado, tanto quanto entre telefones versus telegráfo e serviços postais como já foram feitas e se farão ainda em termos de comparação (KELLERMAN, 2006, p.2).⁴

A mobilidade sempre esteve presente nos estudos da comunicação (telégrafo sem fio, satélites, rádio, televisão, livros). Entretanto, no mundo contemporâneo com as redes telemáticas e a informação transitando por redes digitais móveis as investigações se intensificaram para a apreensão do fenômeno e as problematizações no entorno do objeto. No caso desse artigo, remetemos essa análise às experiências jornalísticas e aos desdobramentos quanto às rotinas de produção e os tensionamentos entre mídias massivas e pós-massivas considerando, todavia, o processo de convergência em andamento.

Convergência: múltiplas dimensões, multiplataformas

O processo de convergência jornalística (BARBOSA, 2009) ou de convergência cultural (JENKINS, 2009) adentra as redações com a adoção de novos modelos estruturais como as redações integradas (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008) voltadas para o trabalho multiplataforma. Aspectos das características do jornalismo digital - multimídia e convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização, memória e atualização contínua - (PALACIOS, 2002) apontados do final dos anos 1990 para início da década passada se juntam a novas propriedades que emergiram com os dispositivos móveis como a taticidade (PALACIOS; CUNHA, 2013) e o

⁴ "Personal mobilities constitute self-propelled movements, which include, first, the natural corporeal (physical) non-technological self-moving, more simply known as walking, and obviously those physical mobilities extended by technologies (driving automobiles and bicycling and motorcycling). Personal mobilities further include virtual mobilities through fixed and mobile telephones and the Internet. Self-propelled mobilities exclude, by their very nature, the use of public transportation and communications, in which movements are mediated, though comparisons between automobiles, on the one hand, and buses and trains, on the other, as well as between telephones versus telegraph and postal services, have been made, and some will be made later on." (KELLERMAN, 2006, p.2, tradução nossa)

contínuum multimídia (BARBOSA, 2013) que perpassam as narrativas para *tablets* e *smartphones* dentro de um modelo horizontalizado.

Essa produção própria, principalmente para *tablets*, relaciona não somente o objetivo de consumo de notícias em aplicativos originais, mas reposiciona o papel do jornalista e suas rotinas quanto às linguagens e narrativas específicas que se impõem para os aplicativos como os vespertinos (BARBOSA; SILVA; NOGUEIRA; ALMEIDA, 2013), a exemplo de *O Globo a Mais* (Figura 02), *Estadão Noite* e *Diário do Nordeste Plus* (Fortaleza) que se deram conta dessas demandas nascentes com as plataformas móveis.



Figura 02: O consumo de notícias em mobilidade e novos modelos de negócios como O Globo a Mais.

Fonte: Captura de telas.

Essa vertente - a produção para dispositivos móveis e o consumo - faz parte do fenômeno do jornalismo móvel. Se no interior das redações houve mudanças de equipes, de estrutura e de percepção para as multiplataformas e o ecossistema móvel, por outro lado, é na rua em que

se encontram os desafios para a compreensão das mudanças de rotina de produção (TRAQUINA, 2005a, 2005b; BECKER, LEE B.; VLAD, 2009) para os repórteres em campo munidos de *smartphones*, *tablets*, conexões sem fio 3G e 4G, microfones unidirecionais, teclados *bluetooth* e demais acessórios (SILVA, 2013; QUINN, 2009).

De meados da década passada para o momento atual os instrumentos técnicos para apuração, produção, circulação de informações se alteraram e, conseqüentemente, houve uma reconfiguração das atividades atribuídas aos jornalistas em campo que, espontaneamente ou como política das redações, passaram a atuar no modelo "multitarefa" ou "polivalente" para atender à lógica do jornalismo convergente e em mobilidade. O que isto pode acarretar para a produção da notícia em termos de potencialidades e conseqüências? Mais à frente detalharemos em quadro e discutiremos como cada etapa do jornalismo - apuração, produção, circulação e consumo - pode estar sendo afetada com o processo de convergência (profissional, de conteúdos, empresarial, tecnológico) como apontam Avilés et al. (2007) e Huang et al. (2004) ao tratar dessa conjunção com as múltiplas dimensões da convergência e da mobilidade.

Dados do relatório Reuters Institute Digital News Report 2014⁵ revelam que é crescente o consumo de notícias em plataformas móveis e digitais em detrimento de televisão e jornais. "Em relação ao ano passado [2013], observamos um salto significativo na adoção de smartphones e tablets para notícias - os consumidores de notícia abraçam os benefícios dos dispositivos portáteis, pessoais e sempre online" (REUTERS, 2014, p.8).⁶ Além desse quadro geral como uma tendência de estabelecimento do ecossistema móvel, as apropriações que se verificam no entorno das narrativas ao vivo a partir da combinação de *smartphones* e tecnologias sem fio mostram a proeminência de novos formatos e práticas baseados nestes procedimentos de uso da tecnologia móvel e das conexões sem fio.

⁵ Disponível em: <<http://www.digitalnewsreport.org/>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

⁶ "Over the past year [2013] we have seen another significant jump in the adoption of both smartphones and tablets for news – as consumers embrace the benefits of smaller, personal, always-on devices." (REUTERS, 2014, p.8, tradução nossa).

Este debate é pertinente para a reflexão sobre a cultura profissional dos jornalistas e as novas relações que se estabelecem com outros produtores da notícia, principalmente com o empoderamento do público com a tecnologia digital que permite a emissão de conteúdos através do *live streaming* via *smartphones*, 3G e 4G e aplicativos para transmissão de vídeo em tempo real. Essa abordagem remete à ubiquidade e à portabilidade que vai levar aos fluxos informacionais no sistema de mobilidade da sociedade em rede móvel (CASTELLS et al, 2006).

***Live Streaming* e rotinas produtivas: do *smartphone* ao Google Glass**

A ubiquidade midiática, decorrente da computação ubíqua e da computação móvel, perpassa cada vez mais o espaço de produção e consumo no jornalismo. Além dos meios de comunicação de massa, vemos o jornalismo móvel se estender entre ativistas e público em geral que se tornam emissores dentro da noção de função pós-massiva (LEMOS, 2010) que a apropriação das tecnologias móveis herdou do movimento de contra-cultura e do desenvolvimento da microeletrônica que culminou com a emergência do ciberespaço e da cibercultura como dimensões da comunicação em rede e da digitalização.

As mídias de função pós-massiva funcionam a partir de redes telepáticas onde qualquer um pode produzir informação, "liberando" o polo de emissão, sem necessariamente haver empresas e conglomerados econômicos por trás. As funções pós-massivas não competem entre si por verbas publicitárias e não estão centradas sobre um território específico, mas virtualmente sobre o planeta. O produto é personalizável e, na maioria das vezes, insiste em fluxos comunicacionais bidirecionais (todos-todos), diferente do fluxo unidirecional (um-todos) das mídias de função massiva. (LEMOS, 2010, p.158)

Nas manifestações de junho de 2013, ficou patente a incorporação das tecnologias móveis dentro do jornalismo profissional (*Folha de S.Paulo*) com uso de drones (veículos aéreos não tripulados) e de Google Glass para a cobertura dos protestos no Brasil (CANZIAN, 2014). Por outro lado, a Mídia Ninja roubou a cena com o jornalismo *live streaming* a partir

de *smartphones* conectados a redes 3G e 4G com transmissão direta e ubíqua. O debate sobre o papel da Mídia Ninja na cobertura das manifestações fez emergir as tensões entre jornalismo produzido pelos meios tradicionais e pelo usuário ou ativista digital chamado de "midialivrista" (BENTES, 2014) por se utilizar do aparato disponível para atuar como mídia com função pós-massiva (LEMOS, 2010). Essa discussão foi reacendida a partir do contexto de jornalismo pós-industrial (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2012) em que as rotativas perdem o espaço para a dinâmica digital e os novos modos de construção de narrativas e, do mesmo modo, de atores humanos e não-humanos (LATOUR, 2005) agindo sobre o processo.

Especificamente no tocante ao trabalho dos repórteres em mobilidade no jornalismo, é preciso examinar o impacto de *smartphones* e *tablets*, dentre outras tecnologias móveis, nas rotinas dos jornalistas (Figura 03). Em tese doutoral (SILVA, 2013) realizamos esse mapeamento a partir de pesquisa qualitativa e de abordagem com o *newsmaking* acompanhando repórteres na redação e em campo para poder identificar como a tecnologia móvel é utilizada na rotina jornalística tendo como exemplo os repórteres do *Jornal Extra* do Rio de Janeiro com o projeto "Repórter 3G", em que os repórteres atuam inteiramente da rua apurando, editando e publicando.

Como resultado observamos que os jornalistas que exercem essas atividades de forma sistemática, a partir da utilização desse aparato, tiveram suas rotinas produtivas modificadas no contexto devido ao acúmulo de novas funções e demandas como atualizações com maior frequência da plataforma web, trabalho multitarefa e distribuição para variadas plataformas (web, móvel, impresso e rádio) e, nesse caso, cabe a inferência sobre como fica a qualidade da notícia produzida em condições de mobilidade e dentro da estratégia exposta.



Figura 03: *Smartphone*, microfones unidirecional, teclado *bluetooth* e aplicativos de streaming.

Fonte: Crédito de Artur Lira.

Já há inúmeros casos da adoção do jornalismo móvel no Brasil (*Extra* do Rio de Janeiro, *NE10* do Recife, *Zero Hora* de Porto Alegre, *TV Band*, *Folha de S.Paulo*, *TV Globo* do Rio de Janeiro) e em outros países (BBC de Londres e Agência *Reuters*, *CNN* dos Estados Unidos, *RTP* de Portugal). Neste sentido, a reportagem de campo foi reconfigurada com os novos instrumentos de trabalho e estratégias de produção que passaram a compor o dia a dia dos profissionais. No quadro abaixo é possível visualizar como as quatro etapas do jornalismo vêm sendo tratadas no contexto (Quadro 01).

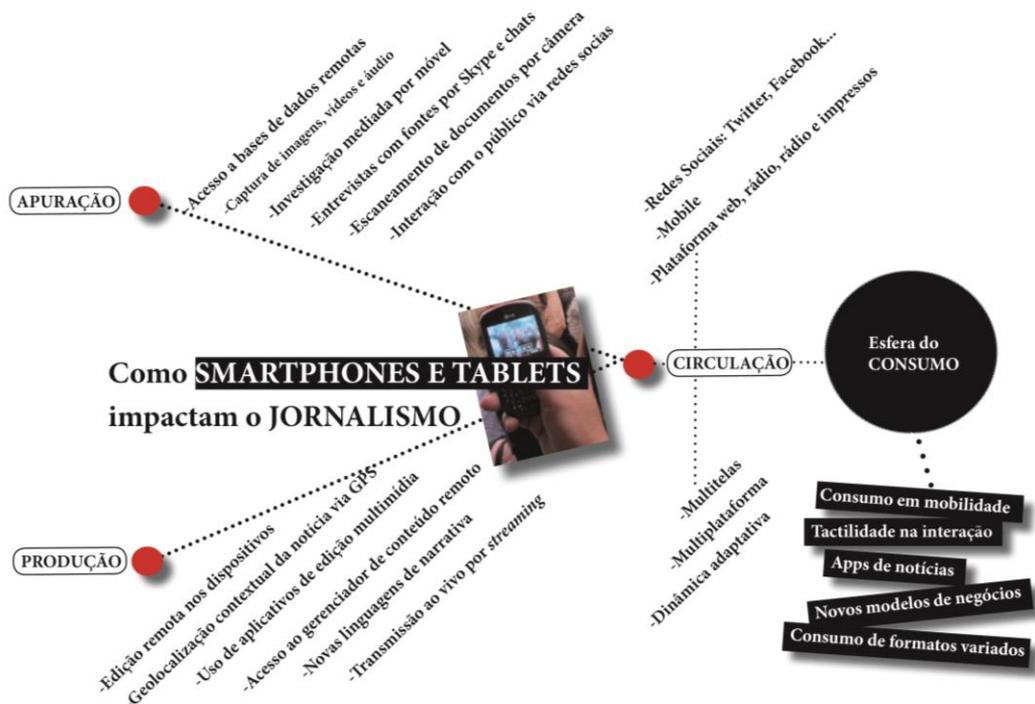


Figura 04: Impacto das tecnologias móveis na produção e no consumo no jornalismo.

Fonte: Elaboração própria.

A análise da Figura 04 indica alguns potenciais e consequências do uso do *smartphones* e *tablets* e a incidência sobre as etapas do jornalismo, do processo de apuração ao consumo de notícias. A conexão entre as rotinas de produção e os dispositivos móveis estabelece descontinuidade, em algum grau, entre os instrumentos de trabalho jornalístico tradicionais (portáteis analógicos) e os atuais (portáteis digitais, ubíquos, conectados). Esses fatores de transformação não podem ser vistos apenas numa perspectiva positiva mas, também, como indutores de novos padrões de rotinas a exemplo da compressão espaço-temporal que o jornalismo móvel expõe e do acúmulo de atividades em caráter simultâneo ou em intervalo reduzido (apurar, editar, realizar transmissão ao vivo, postar parciais da produção na web e nas redes sociais).

Como articular a multitarefa e manter a qualidade da notícia produzida? Esse é o desafio que o trabalho sistemático com tecnologias móveis digitais aponta para os profissionais do jornalismo e, de algum modo, legitimado pelas empresas de comunicação com a política de convergência e de edição contínua enquanto estratégia atual de produção.

Conclusões

A pertinência de se reconhecer a cultura da mobilidade para o jornalismo permite a percepção dos novos elementos e tecnologias que respaldam a dinâmica das rotinas produtivas da narrativa jornalística contemporânea em contexto de convergência. *Smartphones* e *tablets*, como as tecnologias móveis digitais mais visíveis dessa conjuntura, subsidiam a demarcação das apropriações que se faz desse aparato em torno da sistematização das mudanças das práticas jornalísticas.

A emergência das tecnologias móveis no processo de apuração, produção, circulação e consumo de informações nos faz situar três instâncias essenciais que ganham relevância na relação entre jornalismo e mobilidade dentro da perspectiva de convergência: a redação móvel como ambiente de produção, as rotinas produtivas redimensionadas e a distribuição multiplataforma. No primeiro caso, a estrutura orgânica entre hardware e software dos computadores portáteis conectados com aplicativos e acessórios, com uso voltado para a especificidade da prática jornalística, descentraliza a redação para o local de apuração, dos eventos em investigação. Logo, a portabilidade de um *smartphone* oferece a mobilidade e ubiquidade necessárias para o desenvolvimento do trabalho de forma remota sem o deslocamento para a redação física. Essa capacidade traz um *update* para as rotinas, mas, por outro lado, impõe uma tensão do *frenesi* da atualização contínua.

O segundo caso problematiza exatamente o primeiro com as condições de mobilidade expandida. O repórter além de ter que assumir a função multitarefa e a necessidade de novas habilidades, como o lidar com dispositivos portáteis e aplicativos de captura e edição, vivencia também tensões para equilibrar a velocidade com a qualidade quando a produção passa a ser contínua e em diferentes plataformas e ainda em redes sociais (Facebook, Twitter, TwitCasting, Instagram). Portanto, a

notícia passa a ser construída em parciais que se completa ao longo do dia pensando-se, inclusive, no que vai se oferecer ao público do impresso no dia seguinte de modo consolidado.

Este aspecto vai encontrar a terceira instância desse processo, a distribuição multiplataforma. A reestruturação das redações através da convergência jornalística impõe uma lógica distinta da tradicional para a construção das narrativas e nos modos de circulação das informações. O jornalismo móvel, desdobrado a partir de *smartphones* e *tablets*, indica a complexidade da operacionalidade do fluxo de produção no jornalismo afunilando-se cada vez mais para um modelo multiplataforma tendo o "mobile first" ou o "digital first" como uma expressão dessa mudança, além da horizontalização da produção. Isto retoma a noção de *contínuum* multimídia e de perspectiva de jornalismo pós-industrial em que os fluxos de produção são mais flexíveis, líquidos e em edição contínua. A construção noticiosa se redefine também com o uso de novo aparato como as tecnologias vestíveis a exemplo do Google Glass e dos drones em coberturas áreas como a *Folha de S.Paulo* vem utilizando no Brasil como contraposição à cobertura aberta do Mídia Ninja.

Para concluir, consideramos que essas duas perspectivas de estudo – produção e consumo – a partir de dispositivos móveis requerem cada vez mais uma atenção dos pesquisadores no Campo da Comunicação e do Jornalismo visando uma compreensão do fenômeno, com sua natureza de mutação, de inovação e de mobilidade constante. Tanto os jornalistas quanto os consumidores de informação estão passando por um processo de adaptação e incorporação de *smartphones* e *tablets* na rotina. O processo não dá indícios de estabilidade, pelo contrário, apresenta gradativamente novos elementos e variáveis à espera de exploração teórico-conceitual e de mapeamento empírico.

Referências

ANDERSON, C.W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Post-Industrial Journalism: Adapting to the Present**. Columbia Journalism School, 2012.
AVILÉS, José Alberto García; SALAVERRÍA, Ramón; MASIP, Pere;

PORTILLA, Idota; SADABA, Charo. **Métodos de investigación sobre convergencia periodística**. In: Colóquio Internacional Brasil-Espanha sobre Cibermedios. Salvador, dez. 2007.

ALMEIDA, Thiago D'Angelo Ribeiro. **Manifestações no Brasil: uma referência de ação política integrada às novas tecnologias da informação**. In: SOUSA, Cidoval Moraes; SOUZA, Arão de Azevêdo. Jornadas de junho: repercussões e leituras. Campina Grande: EDUEPB, 2013. Disponível em:

<<http://www.uepb.edu.br/download/ebooks/Jornadas%20de%20Junho%20-%20Repercuss%C3%B5es%20e%20Leituras.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2014.

BARBOSA, Suzana. **Convergência jornalística em curso: as iniciativas para integração de redações no Brasil**. In: RODRIGUES, Carla. Jornalismo on-line: modos de fazer. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Editora Sulina, 2009.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo convergente e *continuum* multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais**. In:

CANAVILHAS, J. (Org). Notícias e Mobilidade. O Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis. Covilhã, PT: Livros LabCOM, 2013. p. 33-54.

BARBOSA, Suzana. SILVA, Fernando Firmino da; NOGUEIRA, Leila; ALMEIDA, Yuri. "A atuação jornalística em plataformas móveis. Estudo sobre produtos autóctones e a mudança no estatuto do jornalista". In:

Brazilian Journalism Review. V. 9, Nº 2. 2013. Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/549/489>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

BENTES, Ivana. **Mídia de mobilização**. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/midiaNINJA/photos/a.164308700393950.1073741828.164188247072662/285032501654902/?type=1>>. Acesso em: 8 mar. 2014.

BRASIL, Antonio; FRAZÃO, Samira Moratti. Drones no ar e ninjas nas ruas: os desafios do jornalismo imersivo nas mídias radicais. **Sessões do Imaginário**. Vol.18, n.30, 2013 Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/15972/11080>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

BECKER, LEE B.; VLAD, Tudor. **News organizations and routines.** In: WAHL-JORGENSEN, Karin; HANITZSCH, Thomas. The handbook of journalism studies. New York-London: Routledge, 2009.

CAVALCANTI, Ana Carolina Vanderlei. **Cobertura internacional, mediadores e contextos de uso de tecnologias no Jornal Nacional.** (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiáticas, 2014.

CANZIAN, Fernando. **Perspectiva em mutação.** Veículos aéreos não tripulados dão mais realismo e proximidade aos acontecimentos em terra, mar e ar. Revista de Jornalismo ESPM. N.10, ano 3, p.p 30-31, set. 2014.

CASTELLS, Manuel; ARDÈVOL, Mireia Fernández; QIU, Jack Linchuan; SEY, Araba. **Comunicación móvil y sociedad.** Barcelona: Ariel e Fundação Telefônica, 2006.

CRESSWELL, Tim. **On the move** – mobility in the modern Western world. Routledge, 2006.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** Ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KELLERMAN, Aharon. **Personal Mobilities.** London: Routledge, 2006.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the Social** - An Introduction to Actor-Network-Theory. New York: Oxford, 2005.

LEMOS, André. **Celulares, funções pós-midiáticas, cidade e mobilidade.** urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana (Brazilian Journal of Urban Management), v. 2, n. 2, p. 155-166, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/urbe?dd99=pdf&dd1=4469>> acesso em: 22 jun. 2013.

LEMOS, André. **Cultura da mobilidade.** Revista Famecos. Porto Alegre, n.40, dez., 2009.

MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. **Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJOL.** In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007 p.199-222.

MEDEIROS, Macello. **O lugar da comunicação: um estudo sobre a comunicação locativa em zonas bluetooth.** (Tese de doutorado). FACOM/UFBA, 2011.

NYRE, Lars; BJORNSTAD, Solveig; TESSEN, Bjornar; VAAGE OIE, Kjetil. Locative journalism: designing a location-dependent news medium for smartphones. **Convergence**. 2012, 18, p.297-314.

PALACIOS, Marcos. **Jornalismo online: apontamentos para debate**.

Disponível em:

<http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_informacaomemoria.pdf>. Acesso em: 14 maio 2014.

PALACIOS, Marcos; CUNHA, Rodrigo. A Tactilidade em Dispositivos Móveis: primeiras reflexões e ensaio de tipologias. In: **Contemporânea**, v. 10, n. 3, set/dez. 2012. p. 668-685.

QUINN, Stephen. **Mojo - mobile journalism in the Asian Region**.

Singapura: Konrad Andenauer Stiftung, 2009.

RODRIGUES, Adriana Alves. **Redes sociais e manifestações:**

mediação e reconfiguração na esfera pública. In: SOUSA, Cidoval Moraes; SOUZA, Arão de Azevêdo. Jornadas de junho: repercussões e leituras. Campina Grande: EDUEPB, 2013 Disponível em:

<<http://www.uepb.edu.br/download/ebooks/Jornadas%20de%20Junho%20-%20Repercuss%C3%B5es%20e%20Leituras.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2014.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo móvel digital: uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo**. (Tese doutorado). UFBA/POSCOM, 2013.

Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/13011>>. Acesso em: 8 mar. 2014.

SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo integrado – convergência de medios y reorganización de redacciones**. Barcelona: Sol90Media, 2008.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SHOEMAKER, Pamela J. Prefácio. In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz (Orgs). Critérios de noticiabilidade - problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo – porque as notícias são como são**. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2005a.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo – A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. Vol. 2. Florianópolis: Insular, 2005b.

URRY, John. **Mobilities**. Cambridge: Polity: 2007.